

# Tradução e ideologia: a exemplo de traduções de Heinrich Böll em Portugal\*

## Translation and Ideology: Illustrated with Translations of Heinrich Böll in Portugal

MARIA ANTÓNIO HÖRSTER\*\*

PALAVRAS-CHAVE: Tradução e seus filtros, ideologia, Böll, Estado Novo, censura.

KEYWORDS: Translation and its filters, ideology, Böll, Estado Novo, censorship.

### 1. Breves noções teóricas<sup>1</sup>

O teórico alemão da Tradução Jörn Albrecht inicia uma obra sobre tradução literária com um pequeno diálogo entre dois conhecidos, que passo a apresentar em versão um pouco livre:

- Já leu o novo livro do Eco?
- Qual?
- *O Pêndulo de Foucault*.
- Bem, esse compreí-o no ano passado. Comecei logo a lê-lo, mas, confesso, não avancei assim muito na leitura.
- Mas isso não pode ser, o livro só saiu ontem!...
- Ah! Então estamos perante um mal-entendido. Eu estava a pensar no romance do Eco, você está a falar da tradução alemã.

„Haben Sie den neuen Eco schon gelesen“? „Welchen neuen Eco?“ „*Das Foucaultsche Pendel*.“ „Das habe ich mir letztes Jahr gekauft. Ich habe sofort angefangen,

\* Concebido como comunicação a apresentar no âmbito de uma Sessão de Homenagem a Heinrich Böll (Universidade de Aveiro), e dirigido a uma audiência essencialmente constituída por alunas/os de Mestrado, o texto entende-se como uma iniciação aos Estudos de Tradução e apresenta as características de uma exposição oral.

\*\* Professora jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, da mesma Faculdade.

es zu lesen; ich muß allerdings gestehen, daß ich mit der Lektüre nicht so recht vorangegangen bin.“ „Das kann aber nicht stimmen, das Buch ist ja erst gestern erschienen!“ „Dann liegt ein Mißverständnis vor. Ich dachte an Ecos Roman, Sie sprechen von der deutschen Übersetzung.“

(Albrecht, 1998, p. 9).

Com este episódio, em que ele próprio foi um dos intervenientes, pretende Albrecht ilustrar um equívoco muitíssimo generalizado entre os leitores de traduções: quando lêem um texto traduzido sucumbem à ilusão de que estão a ler o texto escrito pelo autor e não tomam consciência de que aquilo que se lhes apresenta é um texto outro, um texto manipulado. E uso o termo «manipulado» sem qualquer intenção de crítica negativa. De facto, é preciso termos a noção de que um texto traduzido sofreu a intervenção de um tradutor ou tradutora, que o manipulou, isto é, que lhe mexeu, que lhe tocou, que – em sentido figurado, claro – o trabalhou com as suas mãos. Traduzir é, por natureza, manipular.<sup>1</sup> Infelizmente, como verão em alguns exemplos de traduções portuguesas de Heinrich Böll, nem sempre essa manipulação decorre no sentido ou nos limites do razoável ou do expectável.

Há que ter presente que, na sua passagem da língua/cultura original para a língua/cultura de chegada o texto passa por filtros de diversa natureza. Logo à partida, o filtro da língua. E, também numa visão um pouco simplista, a maior parte das pessoas julga que traduzir se resume à transcodificação linguística de um texto, originalmente escrito num sistema linguístico A, para um sistema linguístico B – reduzindo, portanto, os problemas que se colocam ao tradutor a problemas de natureza exclusivamente linguística.<sup>2</sup>

Mas, para além das línguas, muitos mais filtros intervêm no acto tradutivo, por exemplo, o das diferenças entre as culturas e suas respectivas convenções.

<sup>1</sup> No intuito de chamar a atenção para este facto, Theo Hermans (1985) escolhe o título provocatório de *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation* para uma obra em que reúne vários estudos sobre tradução literária. O grupo que aí colabora e que concilia posições dos funcionalistas alemães com as do grupo de Tel-Aviv ficou, entretanto, conhecido sob a designação de «The Manipulation School».

<sup>2</sup> Sobre as diversas categorias de problemas de tradução é fundamental a consulta da consagrada obra de Christiane Nord *Textanalyse und Übersetzen*, 1988, entretanto amplamente traduzida. Vd. também Nord, 1989, Hörster, 1999.

E aduzo um único exemplo: como traduzir as formas de tratamento, sujeitas, como sabemos, a convenções bem distintas de cultura para cultura?<sup>3</sup>

Não me vou alongar hoje nestas e noutras condicionantes da tradução, como sejam as que decorrem do público receptor, dando como exemplo apenas o caso da tradução da *Bíblia*, para um público adulto ou então para um público infantil, o que leva a opções muito diferentes, como é óbvio. Também o canal de transmissão do texto interfere nas decisões do tradutor ou da tradutora; lembre-se, tão-só, a tradução de um mesmo texto dramático, nas modalidades de texto para leitura ou de texto para representação; neste último caso, recorrer-se-á a uma linguagem necessariamente mais oralizante, a frases e palavras mais curtas e de mais fácil dicção, a menos termos abstractos, a versão apresentará eventualmente mais cortes ou, até, mais insultos ou termos de gíria, serão talvez mais abundantes as alusões à contemporaneidade dos receptores, etc.

E muitos outros filtros, como sejam o local e as datas em que por um lado o original e por outro a tradução vêm a público, interferem igualmente nos textos traduzidos, nomeadamente no que diz respeito aos déicticos de tempo e de espaço.

Hoje, porém, interessa-me dirigir a atenção para dois factores que em parte se sobrepõem, nomeadamente o factor ideologia e o factor tradutor/tradutora, e vamos ver se eles se repercutem, ou não, em algumas traduções portuguesas de Heinrich Böll, de que adiante se apresentarão alguns exemplos.

Quanto ao factor tradutor/tradutora,<sup>4</sup> diremos que os conhecimentos e preferências pessoais de quem traduz, a sua capacidade de interpretação e de expressão, o seu estilo próprio, mas também a sua visão do mundo e a sua tábua de valores, ou seja, a sua ideologia, se repercutem naturalmente no seu trabalho.

<sup>3</sup> O excerto de diálogo acima transcrito fornece um claro exemplo de um problema dessa categoria. A tradução para português da forma de tratamento alemã «Sie» – que sinaliza deferência, cortesia, distância – por oposição ao tratamento por «Du» [tu] – que denota familiaridade entre os interlocutores – necessitaria de um contexto concreto para uma opção tradutiva mais segura. O sexo de cada um dos participantes no diálogo, o grau de respeito, de distância ou de intimidade entre eles, os seus títulos académicos e respectivos papéis sociais, a situação comunicativa em questão, poderiam conduzir, no nosso contexto, em que dominam convenções sociais muito diferentes na forma de tratamento, a inúmeras e diversificadas traduções, tais como: o Sr., o Sr. Dr. / Engenheiro / Presidente / Professor / Director, / o meu caro Amigo, o + nome (próprio ou apelido) // a Sr.<sup>a</sup>, a Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> / Engenheira / Presidente / Professora / Directora, a minha cara Amiga, a + nome (próprio ou apelido), etc., etc. Optei por «você», sobretudo pelo seu maior grau de neutralidade.

<sup>4</sup> Sobre a presença do tradutor/tradutora na tradução, cf. Koster, 2008.

Porém, como condicionantes no processo de tradução entram também a ideologia de quem lhe encomenda o trabalho e lhe faz exigências num ou noutro sentido ou, às vezes até de modo nem totalmente consciente por parte do/a tradutor/a, a ideologia reinante em determinados contextos políticos e/ou religiosos tacitamente por ele/ela interiorizados.<sup>5</sup> Não é fácil delimitar exactamente o que se entende por «ideologia», podendo até confundir-se com «cultura».<sup>6</sup> Por motivos de clareza, vamos defini-la, com van Dijk, como o

<sup>5</sup> Tomaszewicz (2011) debruça-se sobre a situação do tradutor entre a censura política imposta e a autocensura praticada.

<sup>6</sup> A definição de «ideologia» não é sem problemas. Como observa Fawcett, «In part, the problem of discussing translation and ideology is one of definition and category. Is all human activity ideologically motivated? When is something “ideology” rather than “culture”? What is the difference?» (2004, p. 106) e, ainda, «Translators have never needed difficult modern concepts to justify an ideological attitude towards their task, however. If we accept the definition of ideology as an action-oriented set of beliefs (Seliger 1976, p. 91-2, quoted in Ireland 1989, p. 131), and if we assume those beliefs, even where they call themselves aesthetic, religious or poetic, to be political in the sense that their application establishes relations of dominance, then we can see how, throughout the centuries, individuals and institutions have applied their particular beliefs to the production of certain effects in translation.» (107).

Em sentido análogo, cf. Teun A. van Dijk, de acordo com o qual se entende aqui por «ideologia» o conhecimento, as crenças e os sistemas de valores do indivíduo e da sociedade em que o indivíduo opera (cf. van Dijk, 1998).

Também Jeremy Munday (2007, pp. 196-197) começa por frisar as dificuldades no uso da palavra «ideologia». O termo, com origem no francês «idéologie», terá sido cunhado em 1796, no sentido de «ciência das ideias», mas este uso neutro cedeu lugar à concepção napoleónica negativa em sentido político e à concepção marxiana de «falsa consciência». E, um pouco mais adiante, refere: «Like Paul Simpson (1993, see below), van Dijk (1998) broadens the notion of ideology away from a purely political sense to encompass the knowledge, beliefs and value systems of the individual and the society in which he or she operates.» Refere então a posição de alguns estudiosos da tradução, entre os quais Lefevre, que operam com uma noção de «ideologia» negativamente conotada. Acerca da observação de Lefevre no sentido de a tradução ser «potentially influential», observa Munday que ela é «‘potentially influential’ for precisely the reason that it will commonly be read as an unmediated work, and any obvious textual alterations will pass unnoticed unless and until a translation studies analyst or other critic takes the unusual trouble to compare source and target texts and identifies any shifts that have occurred.» Quanto a Lefevre, observa ainda: «In a later paper, published after his death, Lefevre (1998, p. 41) considered that it was the *translator’s* ideology and the dominant target language poetics that were the determiners of the translated text.»

conhecimento, as crenças e os sistemas de valores do indivíduo e da sociedade em que o indivíduo opera (cf. van Dijk, 1998).

## 2. Heinrich Böll

Heinrich Böll foi, a par de Günter Grass e de Uwe Johnson, um dos três autores que mais contribuiu para a afirmação do romance alemão a partir de 1945, e não só na Alemanha como igualmente no estrangeiro (cf. Durzak, 1973, pp. 7-18). No que respeita ao reconhecimento de Böll entre os Alemães, registem-se, como dado empírico de partida, as elevadíssimas tiragens alcançadas pelos seus livros bem como o número e a prontidão de recensões críticas com que a imprensa de língua alemã de todos os quadrantes saudou as suas edições. O público rapidamente esgotava as suas obras, as suas obras mantinham-se no topo das listas de venda, e até uma revista como *Der Spiegel* chegou a abrir excepções à sua habitual política em matéria literária, publicando um romance de Böll, no caso *Die verlorene Ehre der Katharina Blum*, em três sequências. Refira-se ainda o êxito do escritor enquanto autor escolar, o que se revela já na quantidade de propostas de didactização para obras suas, saídas quer em volume quer em revistas da área.

Que existe na obra de Heinrich Böll, ou talvez até no seu perfil como escritor e/ou como homem, que motivava tão entusiástico reconhecimento e levava os seus contemporâneos a referirem-se-lhe como «*unser Böll*» [o nosso Böll]? Na realidade, ele confrontava-os com os grandes e os pequenos dramas que tinham vivido no passado recente e com aqueles que estavam precisamente a viver, dramas com que a grande massa da população se identificava, como sejam a presença asfixiante da ideologia nazi a partir de inícios de 30, as represálias exercidas sobre minorias étnicas ou sobre os ideologicamente não alinhados, a vivência da guerra e dos seus horrores, o confronto directo com a morte, com a violência e os crimes militares, a tortura da fome e do frio, tanto nos teatros de guerra como nos meios civis, o retomar da vida após 1945 num ambiente e numa paisagem de escombros, a falta de casas e as carências materiais de toda a ordem, as feridas no tecido social, as famílias desfeitas, a retoma económica, conhecida como o milagre económico, a acomodação e o camaleonismo dos antigos responsáveis coniventes com o regime nazi, as atitudes pactuantes da Igreja Católica nesta fase, mas também a solidariedade, a simplicidade, a nobreza de carácter, a esperança. Tudo isto eram temas com que Böll, com um agudo espírito crítico, e da perspectiva de um católico de esquerda,

ia respondendo ao imediato acontecer histórico. Por esta dimensão realista que imprime à sua obra, pelo claro testemunho que dá do seu tempo, pela humanidade que caracteriza muitas das suas personagens, Böll é um escritor com grande potencial didáctico para alunos e alunas tanto na Alemanha como no estrangeiro. Ironicamente, e a meu ver de forma injusta, não foi muito valorizado pela crítica universitária do seu país, e penso que essa circunstância terá também pesado na sua recepção pelas universidades portuguesas, em que Böll não foi um autor especialmente acarinhado.

Se não foi um escritor de culto no meio universitário português, como sucedeu por exemplo com Brecht, o que dizer da sua recepção nos meios editoriais portugueses, não necessariamente sintonizados com as universidades? Penso que Böll tem sido muito mal tratado pela edição portuguesa. A história da sua tradução em Portugal apresenta sinais vários de caos, nomeadamente logo ao nível dos critérios de selecção dos textos a traduzir. Não se vislumbra um plano coerente de tradução das suas obras e a entrega desse trabalho a inúmeros tradutores e tradutoras diferentes, não sendo um exclusivo de Böll, não é, de forma alguma, um princípio louvável, na medida em que se torna impossível assegurar minimamente as especificidades estilísticas do autor.

A transcrição de dados do Catálogo Integrado da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra dá claro testemunho disso mesmo:

#### Traduções de Böll em Portugal

- 1959 *E não disse nem mais uma palavra*. Tradução de Maria Teresa, João Carlos Beckert de Assumpção, Lisboa: Aster. [no catálogo integrado da BN, apresenta a data de 1960]
- 1960 *Os hóspedes inesperados*. Tradução de Mário Vilaça, Lisboa: Arcádia, 1960.
- 1961 *Bilhar às nove e meia*. Tradução de João Carlos Beckert de Assumpção, Lisboa: Aster.
- 1965 *Casa indefesa*. Tradução de Jorge Rosa, Lisboa: Livros do Brasil.
- 1965 (?) *Casa indefesa*. Tradução de Jorge Rosa, 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Livros do Brasil.
- 1968 *Casa indefesa*. Tradução de Jorge Rosa, Lisboa: Livros do Brasil.
- 1972 (?) *E não disse nem mais uma palavra*. Tradução de Maria Teresa, João Carlos Beckert de Assumpção, Lisboa: Aster.
- 1973 *Retrato de grupo com senhora*. Tradução de Maria Adélia da Silva Melo, Lisboa: D. Quixote.

- 1973 (?) *Casa indefesa*. Tradução de Jorge Rosa, Lisboa: Livros do Brasil [apresentada como 2.<sup>a</sup> edição no catálogo integrado da BGUC].
- 1974 *A honra perdida de Katharina Blum*. Tradução de Maria Helena Rodrigues de Carvalho, 2.<sup>a</sup> edição, Mem Martins: Publicações Europa-América.
- 1981 *A honra perdida da Katharina Blum*. Tradução de Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Mem Martins: Europa América.
- 1981 *Casa indefesa*. Tradução de Jorge Rosa, 3.<sup>a</sup> edição, 1981.
- 1983 *Contos irónicos*. Tradução de Veronika de Vasconcelos [Mem Martins]: Europa-América.
- 1986 *Casa indefesa*. Tradução de Jorge Rosa.
- 1987 *O que vai ser do rapaz? ou qualquer coisa com livros*. Tradução de Maria Adélia da Silva Mello, Lisboa: Difel.
- 1995 *O anjo mudo*. Tradução de Cláudia Porto; rev. da trad. Ana Filipa Raposo de Magalhães, Porto, Asa, 1.<sup>a</sup> ed., Porto: Asa.
- 2011 *Bilhar às nove e meia*. Tradução de Vanda Gomes, revisão de Vasco Grácio, Lisboa: Ulisseia.

Esta lista merece-nos várias observações:

– a selecção dos textos parece bastante aleatória, sentindo-se a falta de obras decisivas para o percurso e a fama do escritor, como sejam várias colectâneas com contos e novelas, sobretudo as iniciais, por exemplo *Der Zug war pünktlich* (1949), *Wanderer, kommst du nach Spa* (1950), *Die schwarzen Schafe* (1951), *Nicht nur zur Weihnachtzeit* (1951), mas também *Im Tal der donnernden Hufe* (1957), *Doktor Murkes gesammeltes Schweigen und andere Satiren* (1958) e muitas outras. Este vasto legado firmou a imagem do escritor como mestre da *Kurzgeschichte* [narrativa curta]. Faltam também romances como *Wo warst du, Adam?* (1951), *Das Brot der frühen Jahre* (1955), *Ansichten eines Clowns* (1963), para não falar de incursões de Böll no domínio do diário com *Irisches Tagebuch* (1957) ou do drama radiofónico e do ensaio;

– também é notória a dispersão por tradutores diversificados, com perfis completamente diferentes: Beckert D'Assumpção assina duas traduções; já em finais de 70 e na década de 80, Adélia da Silva Melo é igualmente responsável por duas traduções. De resto, Mário Vilaça, Jorge Rosa, Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Veronika de Vasconcelos, Cláudia Porto, Vanda Gomes assinam uma tradução cada;

– é também flagrante a dispersão por muitas editoras: Aster, Arcádia, Livros do Brasil, D. Quixote, Europa América, Difel, Asa, Ulisseia;

– a obra que parece ter tido melhor acolhimento foi *Casa indefesa*, uma das que aqui serão abordadas, sendo omissos e/ou incongruentes a indicação de data de publicação e/ou o número de edição;

– nem a atribuição do Prémio Nobel a Heinrich Böll, em 1972, parece ter influído de forma substancial na recepção de Böll no nosso país.

Gostaria de deixar um alerta a todas/os que queiram vir a dedicar-se a estudos recepcionais pela via da tradução: as indicações fornecidas por estes catálogos são muito deficientes. É preciso saber que, naquela época, as editoras não inseriam datas e até é imaginável que falsificassem o número da edição para poderem reeditar as obras sem pagar direitos de autor. Aconselho a ida a alfarrabistas e a aquisição de todas as traduções portuguesas de autores estrangeiros que for possível encontrar. O tipo de papel, a sua espessura e cor, o grafismo, o cólofon, as indicações na contracapa dão-nos informações mais seguras.

### **3. Apresentação e comentário de exemplos extraídos de traduções portuguesas**

Chamou-se atrás a atenção para a importância da ideologia reinante em determinados contextos políticos e / ou religiosos. Caracterizemos agora, em traços largos, o contexto político-ideológico em que, no nosso país, foram publicadas as traduções de Böll que serão abordadas.

O essencial da recepção de Böll recaiu no período do Estado Novo (1933 a 1974), regime político com uma ideologia claramente definida e que instituiu a censura como um dos seus grandes instrumentos de sustentação e defesa. A censura incidia sobre a imprensa e o livro, a rádio, a televisão, o cinema, os espectáculos, as artes plásticas, a música e o ensino.<sup>7</sup> Os valores ideológicos nucleares inculcados pelo regime, omnipresentes a todos os níveis da vida pública e social, eram então, e continuaram a ser até à Revolução de Abril de 1974, representados pela trilogia «Deus, Pátria, Família». É esta a moldura ideológica que enquadra todo o trabalho de tradução das obras de H. Böll que irei abordar.

<sup>7</sup> Sobre a censura no período do Estado Novo, cf. Azevedo 1997; 1999.

Veja-se um cartaz da época, ilustrativo do destaque conferido pelo Estado Novo a esta tríade<sup>8</sup>:



É evidente o grande destaque conferido à família: temos uma família nuclear, constituída por pai, mãe, um filho e uma filha. Trata-se de uma família simples, em ambiente rural. O pai trabalha fora, a mãe é doméstica. Quando o pai regressa do trabalho, alegre (a ideia da alegria no trabalho) é saudado efusivamente pelos filhos e tem a mesa posta com tudo pronto à sua espera. Assistimos a uma clara valorização do homem, que angaria fora, com o seu trabalho, o sustento da família, e ao conseqüente apagamento da mulher, a quem quase só vemos costas e perfil. Em lugar central na sala/cozinha, o crucifixo, símbolo dos valores cristãos. Pela janela, avistam-se um castelo e a bandeira portuguesa a adejar, símbolo da Pátria. Portanto: Deus, Pátria e Família.

Passo agora a apresentar os dois romances sobre que me vou debruçar, *Und sagte kein einziges Wort* e *Haus ohne Hüter* bem como as respectivas versões portuguesas.

Publicado na Alemanha em 1953, *Und sagte kein einziges Wort* [E não disse uma única palavra] foi o primeiro romance de Böll traduzido em Portugal. A tradução portuguesa, com o título de *E não disse nem mais uma palavra*,<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Bem ilustrativo da importância e centralidade destes valores para o regime, este é o último de uma série de sete cartazes, da autoria de Jaime Martins Barata, que foi editada em 1938 para assinalar os dez anos de governo de Salazar.

<sup>9</sup> Fica por comentar a imprecisão na tradução do título.

saiu em 1959, sob a chancela da Editorial Aster,<sup>10</sup> como quarto volume da colecção «Clássicos do Tempo Presente». A versão portuguesa leva a assinatura de Maria Teresa e João Carlos Beckert d'Assumpção. Um dos motivos por que foi traduzida esta obra nesta data terá sido o grande êxito de vendas na Alemanha<sup>11</sup> e o lançamento quase consecutivo da versão francesa.

Determinante terá sido também o facto de Böll ser um escritor assumidamente católico. De facto, os três primeiros romances que integram a referida colecção da editora Aster são igualmente de escritores católicos, nomeadamente de Georges Bernanos, G. K. Chesterton e Joseph Kessel, figurando J. C. Beckert d'Assumpção (n. 1924)<sup>12</sup> já como o tradutor da obra de Chesterton (1959). O facto de ser também Beckert d'Assumpção quem virá a traduzir o sétimo volume da «Clássicos do Tempo Presente», *Bilhar às nove e meia*, igualmente de Heinrich Böll, leva a crer ter existido uma relação de confiança e, porventura, de proximidade ideológica entre Beckert d'Assumpção e a Aster. As badanas do livro ressumam o espírito da época: catolicismo, exaltação da humildade, da pobreza, da resignação, da esperança.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> A ficha técnica não apresenta qualquer data, mas o cólofon traz a seguinte informação: «Acabou de se imprimir esta edição a 24 de Dezembro de 1959, nas oficinas da Gráfica Santelmo, Lda. – Rua de S. Bernardo, 84 – Lisboa.» No catálogo da Biblioteca Nacional consta a data de 1960, como já foi dito.

<sup>11</sup> Em 1952 Böll mudou da editora Middelhaue Verlag para a Kiepenheuer & Witsch, começando então o seu êxito editorial. À primeira edição de *Und sagte kein einziges Wort*, em Março de 1953, com uma tiragem de 3000 exemplares, seguem-se uma segunda, em Julho, com 6000 exemplares; uma terceira, em Outubro, com 3000; uma quarta, em Novembro, com 5000 (Balzer 1997, pp. 120-121).

Böll foi agraciado com variados prémios pela publicação deste romance, entre eles, o «Literaturpreis des Verbandes der Deutschen Kritiker». Em 1953 o crítico literário Hans Werner Richter, impulsor do decisivo grupo literário «Gruppe 47», considerou ser *Und sagte kein einziges Wort* «das beste Buch, das in der Nachkriegszeit geschrieben worden ist» [o melhor livro escrito no pós-guerra] (Richter, 1997, p. 127).

<sup>12</sup> Para todas estas afirmações, e dada a escassez de materiais facilmente acessíveis, baseio-me numa análise do catálogo da Biblioteca Nacional – como se sabe, incompleto e nem sempre isento de lapsos.

<sup>13</sup> É claramente religiosa a imagem do romance que transparece do texto das badanas do volume, retomado, na sua grande parte, na segunda edição da obra, em 1972: «(...) Em *E não disse mais uma palavra* temos o romance da pobreza aceite resignadamente, com dignidade e espírito de sacrifício. Os pobres deste livro encontram-se na dor e no amor e nem o cru realismo que os caracteriza e afecta os impede de reagir a um desânimo momentâneo. Por outro lado, a esperança que por fim triunfa está muito longe de ser um

João Carlos Beckert d'Assumpção tem uma longa carreira de tradutor.<sup>14</sup> Na sua carteira dominam claramente os autores católicos (na sua maioria católicos convertidos), como sejam G. H. Chesterton (1960), H. Graham Greene (1961), Evelyn Waugh (1958), Heinrich Böll (1959 e 1961), Hans Baumann (1963) e Werner Bergengruen (1963). Trabalhou com muitas editoras. Com um pensamento militantemente nacionalista e conservador, colaborou com o regime salazarista, nomeadamente no âmbito da Mocidade Portuguesa e também da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, entidade em cujo âmbito prestou serviços de tradução.

Passemos à apresentação do romance. A acção de *Und sagte kein einziges Wort* decorre em Colónia. O ambiente social e económico é o do imediato pós-guerra: escombros nas ruas da cidade, escombros dentro das pessoas. As personagens principais são Fred e Käte, marido e mulher, submergidos em dificuldades económicas avassaladoras, que ameaçam não só a vida familiar como a integridade humana de ambos. O casal vivia com três filhos pequenos, tendo dois outros morrido de tenra idade, vítimas de parasitas e de medicamentos não adequados. O espaço que habitam reduz-se a uma única divisão num prédio, mas, no momento em que a acção se inicia, Fred abandonara a casa, por não suportar o barulho dos filhos e a proximidade dos vizinhos, separados apenas por frágeis tabiques que impediam qualquer privacidade.

Seguidamente apresentar-se-ão alguns exemplos em que a tradução mostra inequívocas intervenções de carácter ideológico. Torna-se difícil determinar a quem atribuir as decisões de censurar. A censura oficial sobre livros exercia-se *a posteriori*, mas, para evitar os prejuízos económicos que a apreensão de um volume já editado lhes acarretaria, as editoras procuravam manter-se dentro das directrizes traçadas pelo regime. Mais complexos se tornam os casos em que são os próprios tradutores que, sintonizados com o poder reinante, interiorizam essas directrizes. Pelo pouco que pude apurar ou deduzir, diria

sentimento gratuito, porque a luta continuará: dificuldades dos outros e dos ambientes, defeitos e vícios próprios.»

<sup>14</sup>Trabalhou com géneros e temáticas diferentes, como o romance ou o ensaio de tema social, político, teológico ou marítimo. Nesta sua actividade são detectáveis algumas linhas de coerência. As línguas de partida com que trabalha são, além do Português, o Inglês e o Alemão, sensivelmente em proporção igual, tendo também traduzido na direcção Português-Alemão.

que, neste caso, tanto a editora como os tradutores assumiriam como seus os ideais do Estado Novo.<sup>15</sup>

Católico convicto, Heinrich Böll assumiu claramente uma posição de crítica em relação à Igreja Católica. Käte e Fred, os protagonistas do romance, são profundamente religiosos, o que não os impede de observar com grande realismo as fraquezas da Igreja Católica, sobretudo ao nível das altas instâncias eclesiásticas, bem como o comportamento, nem sempre exemplar, dos seus ministros. Com marcada intenção crítica e fina ironia, Böll põe aqui a nu as discrepâncias flagrantes entre a mensagem cristã na sua pureza e a vida real da Igreja católica alemã no imediato pós-guerra. É a este nível que se nota a maior intervenção ideológica dos tradutores: com lúcida consequência, sistematicamente refazem ou eliminam uma série de passos que possam comprometer a imagem da Igreja e a dos seus ministros, enquanto seres infalíveis e modelares.

O casal vivia, como atrás se disse, em condições de extrema pobreza. Käte encontra-se em luta permanente contra a falta de dinheiro e contra a exiguidade da casa, constituída pela única divisão que, pelas autoridades eclesiásticas, fora atribuída à sua numerosa família. Ao comparar a sua situação com a de uma vizinha, sem filhos, a quem as mesmas autoridades haviam concedido quatro divisões, desenvolve os seguintes pensamentos:

Ich weiß die Zahl der Komitees nicht, kenne nicht die Zahl der Ausschüsse, kümmere mich nicht um ihre Vereine. Ich weiß nur, daß die kirchlichen Behörden ihr die Dringlichkeit dieses Raumes bescheinigt haben, des Raumes, der uns nicht glücklich machen, aber uns die Möglichkeit garantieren würde, eine Ehe zu führen. (Böll, 2007, p. 346; s. m.).

O passo é assim traduzido:

Não sei o número das Comissões, nem o número das Juntas a que pertence, nem me preocupo com as suas reuniões. Sei apenas que lhes cederam essa dependência, esse quarto que não nos faria felizes, mas que nos daria a possibilidade de vivermos juntos. (Böll / D'Assumpção, 1959, p. 25; s. m.).

<sup>15</sup> Como escreve Bourdieu: «La censure n'est jamais aussi parfaite et aussi invisible que lorsque chaque agent n'a rien à dire que ce qu'il est objectivement autorisé à dire : il n'a même pas à être, en ce cas, son propre censeur, puisqu'il est en quelque sorte une fois pour toutes censuré, à travers les formes de perception et d'expression qu'il a interiorisées et qui imposent leurs formes à toutes ses expressions.» (*Apud* Oseki-Dépré, 2011, p. 19).

Como se vê, o sujeito gramatical «die kirchlichen Behörden» [os serviços administrativos da Igreja] é substituído por um sujeito indeterminado [lhes cederam], assim se desculpabilizando as entidades religiosas da falta de caridade e da injustiça social que praticaram na distribuição dos espaços habitacionais.

Acerca de determinado sacerdote, observa Käte:

Ich habe Angst den Pfarrer am Altar zu sehen, den gleichen Menschen, dessen Stimme ich oft nebenan im Sprechzimmer höre: die Stimme eines verhinderten Bonvivants, der gute Zigarren raucht, sich mit den Weibern seiner Kommissionen und Vereine alberne Scherze erzählt. Oft lachen sie laut nebenan, während ich angehalten bin, achtzugeben, daß die Kinder keinen Lärm machen, weil die Konferenz dadurch gestört werden könnte. (Böll, 2007, p. 347; s. m.).

No texto português, lê-se:

Tenho medo de ver no padre do altar, o mesmo homem cuja voz oiço no quarto ao lado: a voz de uma pessoa bon vivant retraída, que fuma [bons] charutos e conta anedotas [parvas] às senhoras da sua Comissão durante as reuniões que se realizam aqui ao lado. [Muitas vezes, soltam ruidosas gargalhadas aqui ao lado, enquanto eu sou obrigada (...)] Sou por vezes obrigada a vigiar as crianças para que não façam barulho, para que não prejudiquem a Conferência. (Böll / D'Assumpção, 1959, pp. 26-27; s. m.).

São grandes e numerosas as alterações de sentido, das quais decorre a rasura da dimensão crítica: desde a omissão de que os charutos que o pároco fuma são «de boa qualidade» (gute Zigarren), e da observação de que as piadas que ele e as «mulheres» (Weiber), e não as «senhoras», contam durante as frequentes reuniões (oft) são «idiotas» (albern), passando pela ideia de que ele é um *bon vivant* «frustrado» (eines verhinderten Bonvivants), e não um «retraído», até à acusação, eliminada na tradução, de que fazem grande algazarra durante aqueles encontros, sem consideração pelos outros, enquanto a ela lhe chamam a atenção para que as crianças não façam barulho.

No terceiro capítulo, ao referir-se a um padre cujo processo pessoal conhece bem, Fred, o marido, depois de enumerar algumas das falhas e manchas do *curriculum* desse sacerdote, acrescenta:

Aber das war alles nicht einmal so schlimm wie eine merkwürdige Weibergeschichte, von der sich zwar herausgestellt hatte, daß sie platonisch gewesen, die aber einen

Grad geistiger Zärtlichkeit erreicht hatte, der bei der Behörde Unbehagen hervorrief. (Böll, 2007, p. 357; s. m.).

Na tradução é suprimida toda a referência à «curiosa história de saias» (merkwürdige Weibergeschichte) em que ele esteve envolvido, ao platonismo da mesma e ao grau de afeição que atingiu, provocando com isso a inquietação dos superiores responsáveis. O passo aparece reduzido a:

Mas tudo isso não tinha importância comparado com umas meiguices espirituais [comparado com uma curiosa história de saias que, é certo, veio a verificar-se ser platónica, mas que alcançou um grau de afecto espiritual que suscitou inquietação nas autoridades eclesiásticas] que provocaram certa inquietação nas autoridades eclesiásticas. (Böll / D'Assumpção, 1959, p. 40).

As intervenções destinadas a poupar a imagem da Igreja são mais numerosas do que as de carácter estritamente político, também talvez porque os passos que encerram uma crítica à Igreja são muito numerosos no original. Mas deparam-se-nos igualmente intervenções motivadas por razões políticas. Apresentar-se-á apenas um exemplo que, aliás, à primeira vista parece muito inocente. A certa altura, descreve-se uma procissão. Em português, lê-se:

Vestido com a cor dos mártires, o bispo caminhava sozinho entre o grupo que acompanhava o Santíssimo e o coro. (Böll / D'Assumpção, 1959, p. 62; s. m.).

No original, temos:

Mit dem Rot der Märtyrer bekleidet, schritt der Bischof ganz allein zwischen der Sakramentsgruppe und dem Chor des Gesangvereins dahin. (Böll, 2007, p. 373; s. m.).

Porque é que não se traduziu uma coisa tão simples como o adjectivo «rot» pelo seu natural correspondente português, precisamente «vermelho»? Não há motivo nenhum de ordem linguística ou estilística que justifique a opção pelo hiperónimo. Para entender a razão é preciso saber que, durante o Estado Novo, os comunistas eram frequentemente designados como «os vermelhos». Portanto, a intenção foi, certamente, a de evitar a glorificação dos militantes comunistas, eliminando qualquer hipótese de associação dos comunistas, os «vermelhos», com a imagem, sempre heróica, do martírio. Este exemplo mostra como foi

consequente a intervenção dos tradutores, mesmo em passos aparentemente tão inocentes.

Passamos agora para o tópico «família». Considerada o pilar de toda a estrutura social, e vista como guardiã dos bons costumes, a família tinha como fim principal a procriação.

Sabemos que o casal, numa situação de grande indigência, tinha três filhos vivos, tendo dois já morrido por falta de alimentos e cuidados de saúde. Käte está grávida. Acontece que, nos dias em que se passa a acção do romance, está a decorrer uma feira na cidade, no contexto da qual é lançada uma grande campanha promocional de artigos de drogaria. Entre estes, ganha grande destaque a publicidade que os comerciantes fazem a preservativos. É impossível não relacionar os dois aspectos.

Como reagem os tradutores, medularmente estado-novistas? Dar-se-ão apenas dois exemplos. No capítulo sexto, Käte desce à casa da senhoria para falar ao telefone com Fred:

Die Hauswirtin saß, als ich herunterkam, in ihrer Ecke auf dem Sofa, umgeben von schäßigen Möbeln, den Schreibtisch vollgestapelt mit Seifenkartons, Schachteln voller Verhütungsmittel und Holzkisten (...). (Böll, 2007, p. 380; s. m.).

É outro o tipo de produtos que a senhoria da versão portuguesa armazena em sua casa. Na sua sala, não há caixas cheias de «Verhütungsmittel» [contraceptivos]:

Quando descí, a senhora estava no seu canto costumado, sentada no sofá, rodeada da sua mobília barata: a secretária cheia de pacotes de sabonetes, caixas repletas de pastas dentífricas e caixotinhos (...). (Böll / D'Assumpção, 1959, p. 72; s. m.).

O que resulta de todas estas e muitas mais intervenções no mesmo sentido? As preocupações sociais e a acutilância crítica de Böll saem completamente rasuradas e o Böll que nos é dado ler em Português é um escritor de sacristia, insuportavelmente beato, cinzento e muito sensaborão, sem qualquer chispa de interesse. O texto inscrito nas badanas do livro corrobora aliás esta imagem.

Passamos agora ao romance *Haus ohne Hüter*, de 1954. Lançado em Portugal pela importante editora Livros do Brasil sob o título de *Casa indefesa*, teve uma primeira edição possivelmente em 1965, e posteriormente talvez mais cinco edições. Como tradutor figura Jorge Rosa.<sup>16</sup> Esta foi, possivelmente, a obra de Böll com mais êxito no nosso país. A temática da família, sempre cara a portugueses, o protagonismo dado a dois adolescentes órfãos de guerra, a acutilância da editora e, *last but not least*, o português claro, escorreito, variado e elegante do tradutor terão contribuído para esse bom acolhimento.

*Haus ohne Hüter* aborda uma questão social de grande amplitude no imediato pós-guerra na Alemanha: a morte de milhões de jovens soldados deixou muitas famílias privadas do elemento masculino, muitas jovens mulheres sem marido, muitas crianças sem pai, ou seja, recorrendo à formulação metafórica e metonímica do título, muita «casa sem guarda». Esta situação é ilustrada na obra de Böll a exemplo das famílias de Martin e de Heinrich, dois rapazinhos, amigos de escola, que habitam numa cidade renana, em inícios dos anos 50. Martin e Heinrich são de extracção social muito diferente. O primeiro vive num ambiente de grande desaforo económico, na companhia de três figuras femininas e duas masculinas: a mãe, uma viúva que continua à deriva depois da morte do marido na guerra e procura aturdir-se frequentando círculos algo boémios de intelectuais católicos; a avó e uma criada. As figuras masculinas são Albert, a quem Martin chama tio, que fora amigo do pai e ama o rapaz apaixonadamente, procurando desempenhar junto dele o papel de um pai autêntico; vive ainda na casa um homem simples, Glum, de presença muito apagada. Albert mantém com a mãe de Martin uma relação tensa e indefinida

<sup>16</sup> Sem dispor, por ora, de dados biográficos sobre o tradutor, uma pesquisa na rede mostra-nos que Jorge Rosa esteve muito activo sobretudo na década de 60, com vários títulos traduzidos para a Livros do Brasil. Traduz sobretudo escritores de língua inglesa, por ex. E. Hemingway e J. Steinbeck, figurando como o tradutor dos textos ingleses de F. Pessoa nos conhecidos volumes *Páginas íntimas e de auto-interpretação* e *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Entre os Alemães, para além desta obra de Böll, só parece ter vertido para Português o romance *Amerika*, de F. Kafka.

entre a amizade, o desejo físico e o ódio, em grande parte sustentada apenas pelo grande afecto que os dois votam à criança. Na outra família, a família Brielach, os problemas são radicalmente diferentes: o meio roça o proletário, os problemas financeiros são prementes, a mãe de Heinrich vai conhecendo sucessivas uniões frustradas com diferentes homens, os chamados «tios», e o rapazinho amadurece precocemente, sem no entanto se tornar amargo ou desesperado.

Neste caso, não terá sido tanto a colagem ao ideário estado-novista que explica os frequentes desvios que encontramos na tradução. Parece-me antes que eles reflectem a visão do mundo do próprio tradutor, sendo porém evidente que essa visão do mundo do tradutor está condicionada pelo ambiente que o cerca e pelas posições que dele absorve ou rejeita.

Os exemplos que seleccionei têm a ver com a problemática do masculino e do feminino, com a imagem da mulher e com os papéis sociais atribuídos a cada um dos sexos.<sup>17</sup> De forma estranha, nesta tradução convivem o muito bom, ou mesmo excelente, e o muito mau. O que poderá estar na raiz de algumas soluções tradutivas que se nos afiguram absurdas e inconcebíveis? Admito que uma explicação convincente seja a da existência de uma espécie de filtro masculino, subjacente a todo o trabalho de tradução: o tradutor teria interiorizado padrões de cultura próprios de uma sociedade patriarcal, transpondo-os automaticamente para o seu texto, sem porventura ter perfeita noção do seu próprio condicionamento ideológico. Nos anos 50-60, e aliás ainda hoje, à mulher cabe quase tudo o que diz respeito à casa, encontrando-se os homens em alguns casos totalmente alheados do universo doméstico. Assim, são verdadeiramente hilariantes algumas soluções encontradas para designar objectos caseiros e tudo o que respeita a comida, ingredientes e preparação de refeições. Percebe-se que este tradutor nada percebe de culinária e as soluções tradutivas para confecção de pratos conseguem arrancar-nos umas boas gargalhadas (cf. Hörster, 2005).

Não podendo aqui deter-me nesses aspectos, vou apresentar três exemplos ilustrativos da imagem da mulher, dois referentes à mãe de Heinrich, o menino pobre, e dois referentes à mãe de Martin, o menino rico. São ambas viúvas de guerra, como se disse.

Numa das cenas finais, a mãe de Heinrich vai viver para casa de um humilde pasteleiro que há muito a corteja, mas a quem ela não ama; da sua reacção algo

<sup>17</sup> Para uma visão mais alargada desta problemática e uma caracterização mais ampla desta versão, vd. Hörster 2005 e 2007.

enfadada às atenções que ele lhe dispensa, diz-se no Alemão: «und als der Bäcker, ohne anzuklopfen, hereinkam, brüllte sie ihn an» (Böll, 1977, p. 488; s. m.). Em Português lê-se: «e, quando o pasteleiro entrou sem aviso, ela rosnou-lhe» (Böll / Rosa, s. d., p. 328; s. m.). É evidente que as conotações dos verbos «anbrüllen», qualquer coisa como «berrar», e «rosnar» são muito diferentes. Esta mulher, castigada pela vida e obrigada a pôr as necessidades económicas à frente dos seus sentimentos, aqui impacientada com quem lhe queria fazer bem, aparece na versão portuguesa sobretudo como ingrata e malcriada, em resultado das conotações animais de «rosnar».

No exemplo seguinte, atenda-se a uma *nuance* de tradução que me parece cheia de significado, e que, mais uma vez, espelha como o tradutor reproduz a imagem geral da mulher que no nosso país se tinha, e em parte se continua a ter. A mãe de Heinrich, com as suas ligações a diversos companheiros, por mais de uma vez engravida. Da primeira vez, Karl, o seu companheiro à altura, opõe-se tenazmente à prática de um aborto. Heinrich, o miúdo, ouve as discussões meio cifradas entre o casal e, com o tempo, vai-se apercebendo do significado de «es wegmachen» [despachá-lo]:

Dass die Mutter sich mit Karl vereinigt hatte, war ihm damals schon klar gewesen (...). Man konnte also Kinder wegmachen. Weggemacht worden war das Kind, um dessentwillen Karl damals gegangen war. Karl war nicht der übelste Onkel gewesen. (Böll, 1977, p. 252; s. m.).

Este passo é vertido por:

Que a mãe se tinha unido com Karl era um facto de que ele se apercebera então (...). Era, pois, possível as mães desembaraçarem-se dos seus bebés! E fora por a mãe o ter feito que Karl desaparecera! Afinal, Karl não fora o pior tio que tivera. (Böll / Rosa, s. d., p. 24; s. m.).

Ou seja, a possibilidade de «despachar» uma criança, que no texto alemão é endossada a um sujeito indeterminado, «man», em que estão incluídas as mulheres e os homens – na visão do pequeno Heinrich «man» está por «os adultos» – é remetida na versão portuguesa exclusivamente para as mães, que assim arcam sozinhas com a responsabilidade de tão violento acto. O uso do pronome pessoal possessivo «seus» e do termo «bebés» para tradução de «Kinder» [filhos], bem como a transformação da forma passiva em activa com a introdução

do sujeito «a mãe», são marcas ideológicas muito significativas. Ou seja, fazer um filho é acto do homem, «o resto» é coisa de mulheres...

Passamos agora à representação da outra viúva. Nella, a mãe do menino rico, não consegue esquecer o marido morto na guerra, que fora a sua grande paixão. Por isso, não acede às repetidas propostas de Albert, um homem cheio de qualidades, no sentido de se casarem, a fim de proporcionarem ao miúdo um ambiente familiar mais sólido. Ela é *coquette*, sensível aos encantos de Albert e até admitiria uma ligação amorosa com ele, mas sem compromisso. Por outro lado, cada vez mais anseia vagamente por um futuro de mulher emancipada, com uma intervenção social activa, no que se denuncia um toque de modernidade. De uma maneira geral ela é, no entanto, uma mulher em desnorde.

Um dia, em que vem muito irritada de uma reunião, diz dela o narrador: «Haß erfüllte Nella, und sie spürte voll Angst, wie sie in Alberts Gedanken fiel: Windungen, die bereitstanden, sie einzufangen.» (Böll, 1977, p. 385; s. m.) [O ódio invadiu Nella e, cheia de medo, sentiu que resvalava para os pensamentos de Albert – tramas prontas a capturá-la]. O passo aparece assim traduzido: «Nella sentia-se repleta de ódio, e, cheia de medo, tinha consciência de como baixava no conceito de Albert: laços prontos a capturá-la.» (Böll / Rosa, s. d., p. 192; s. m.). Aqui, o ódio que Nella sente em relação a determinado grupo de intelectuais quase a leva a abandonar a sua posição de recusa a uma nova ligação matrimonial, sentindo-se tentada a concordar com os projectos de casamento de Albert. A imagética do texto alemão é, porém, muito clara: Nella vê-se ameaçada por uma espécie de teia «Windungen, die bereitstanden, sie einzufangen», e o sentimento que dela se apodera é o de medo de não resistir a esse modelo de vida pronto-a-vestir. Aparentemente, a autonomia aqui revelada pela figura feminina, que ousa declinar a proposta de casamento feita por um homem tão cheio de qualidades como Albert, o pretendente quase perfeito, terá sido para o tradutor qualquer coisa de verdadeiramente inconcebível. Ao mesmo tempo, aquele convívio boémio com os grupos de intelectuais, as noitadas, os excessos, deveriam aparecer-lhe como algo de suspeito. Assim, prefere pôr a figura feminina a temer «baixar no conceito» de Albert, certamente por manter o convívio com aquele grupo de boémios, a admitir que ela, pelo contrário, como se diz no original, receava estar a deixar-se descair [fiel], enredando-se na trama que Albert lhe tecia, o casamento.

A concluir diria que a imagem de marca de Böll como acutilante crítico social e escritor de causas se perde completamente. Pelo contrário, no caso de *E não disse nem mais uma palavra*, Böll aparece como representante de um

tradicionalismo beato e ultrapassado. Em *Casa Indefesa*, por sua vez, passa à margem de toda a modernidade no que toca à situação da mulher em sociedade e, nalguns trechos, nomeadamente no joguinho amoroso que o tradutor concebe entre Nella e Albert, baixa ao nível de um autor de livros cor-de-rosa. Quase temo que tenha sido por esse motivo que o romance teve tantas edições entre nós.

Concluindo, Heinrich Böll é, na verdade, um autor a resgatar e a homenagear.

## Bibliografia

### Textos

- BÖLL, H. (2007). *Und sagte kein einziges Wort*. In *Heinrich Böll. Werke*, Kölner Ausgabe, Bd. 6, 1952-1953, hg. von Árpád Bernáth in Zusammenarbeit mit Annamária Gyurác, Köln: Kiepenheuer & Witsch, 333-472.
- BÖLL, H. / D'ASSUMPÇÃO, J. C. e M. T. B. (1959/). *E não disse nem mais uma palavra*. Lisboa: Editorial Aster.
- BÖLL, H. (1977). *Haus ohne Hüter*, in *Heinrich Böll Werke, Romane und Erzählungen 2*, hg. von Bernd Balzer, /Köln/: Kiepenheuer & Witsch, 237-498.
- BÖLL, H. / ROSA, J. (s. d.). *Casa indefesa*, 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edição Livros do Brasil.

### Bibliografia crítica

- ALBRECHT, J. (1998). *Literarische Übersetzung. Geschichte – Theorie – Kulturelle Wirkung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- AZEVEDO, C. de (1997). *Mutiladas e Proibidas. Para a história da censura literária em Portugal nos tempos do Estado Novo*. Lisboa: Editorial Caminho.
- AZEVEDO, C. de (1999). *A censura de Salazar e Marcelo Caetano. Imprensa, teatro, cinema, televisão, radiodifusão, livro*. Lisboa: Editorial Caminho.
- BALZER, B. (1997). *Das literarische Werk Heinrich Bölls. Einführung und Kommentare*. München: dtv.
- DURZAK, M. (1973). *Der deutsche Roman der Gegenwart*, zweite, erweiterte Auflage. Stuttgart /Berlin/Köln/Mainz: Verlag W. Kohlhammer.
- VAN DIJK, T. A. (1998). *Ideology: a multidisciplinary approach*. London: Thousand Oaks, New Delhi, Sage.

- FAWCETT, P. (1998, 2004). Ideology and translation. In M. BAKER (ed.). *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London and New York: Routledge, 106-111.
- HERMANS, T. (ed.) (1985). *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation*. London & Sydney: Croom Helm.
- HÖRSTER, M. A. (1999). Problemas de tradução. Sistematização e exemplos. In *V Jornadas de Tradução. Tradução, ensino, comunicação*. Porto: ISAI, 33-43.
- HÖRSTER, M. A. (2005). “Männlich übersetzen? Einige Anmerkungen zur portugiesischen Version von *Haus ohne Hüter*, von Heinrich Böll. In E. Fischer et alii (Hg.). *Blickwechsel*. Akten des XI. Lateinamerikanischen Germanistenkongresses. São Paulo-Paraty-Petrópolis 2003, São Paulo: EDUSP, Bd. 3, 335-345.
- HÖRSTER, M. A. (2007). Ist es Adam jemals gelungen, Eva gegenüber gerecht zu werden? Frauenrepräsentationen in der portugiesischen Übersetzung von Heinrich Bölls Roman *Haus ohne Hüter*. In M. Bascoy/ R. M. Gómez/ J. Feijóo/ D. Sabaté (Hrsg.). *Gender und Macht in der deutschsprachigen Literatur*. Frankfurt a. M.: Peter Lang, 2007, 55-67.
- KOSTER, C. (2008, 2002). The translator in between texts: on the textual presence of the translator as an issue in the methodology of comparative translation description. In A. RICCARDI (2008, 2002). (Ed.). *Translation Studies. Perspectives on an Emerging Discipline*. Cambridge: Cambridge University Press, 24-37.
- MUNDAY, J. (2007). Translation and Ideology: A Textual Approach. In S. CUNICO / J. MUNDAY (Guest Editors). *The Translator. Translation and Ideology. Encounters and Clashes*. Special Issue, Volume 13. Number 2. Manchester: St. Jerome Publishing, 195-217.
- NORD, C. (1988). *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*. Heidelberg: Julius Groos Verlag. [trad., com o título *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Analysis*, Amsterdam: Rodopi, 1991].
- NORD, C. (1989). Textanalyse und Übersetzungsauftrag. In *Übersetzungswissenschaft und Fremdsprachenunterricht*. Neue Beiträge zu einem alten Thema. München: Goethe-Institut, 95-119.
- OSEKI-DÉPRÉ, I. (2011). Traduction littéraire et autocensure. In *Censure et traduction*. Études réunis par Michel Ballard, Artois: Artois Presses d'Université, 19-30.

TOMASZKIEWICZ, T. (2011). Le traducteur entre la censure politique imposée et l'autocensure pratiquée. In *Censure et traduction*. Études réunies par Michel Ballard, Artois: Artois Presses Université, 341-352.

RICHTER, H. W. (1997). *Briefe*. Hrsg. von Sabine Cofalla, Hanser Verlag: München/ Wien.

TÍTULO: Tradução e ideologia: a exemplo de traduções de Heinrich Böll em Portugal

RESUMO: Após enunciação breve de alguns filtros actuantes na passagem de um texto de uma língua/cultura A para uma língua/cultura B, o texto detém-se nos factores tradutor/a e ideologia como condicionantes do processo tradutivo. Decorrendo uma parte importante da recepção de Heinrich Böll em Portugal no período do Estado Novo, em que vigorou um regime de censura, traça-se o quadro de valores defendidos pelo regime e analisam-se as versões portuguesas dos romances *Und sagte kein einziges Wort* e *Haus ohne Hüter*, a fim de avaliar se e em que medida elas acusam a interferência dessa moldura ideológica. Apresentam-se e comentam-se exemplos que se pretendem significativos.

TITLE: Translation and Ideology: Illustrated with Translations of Heinrich Böll in Portugal

ABSTRACT: After briefly outlining some of the filters that determine the transfer of a text from a language/culture A into a language/culture B, the article focuses on “translator” and “ideology” as influencing factors of the translation process. Since an important part of the reception of Heinrich Böll’s work in Portugal took place during the *Estado Novo*, a political period marked by censorship, the values defended by the regime are identified and the Portuguese versions of the novels *Und sagte kein einziges Wort* and *Haus ohne Hüter* are analysed, with a view to finding any possible signs of the interference of this ideological framework. These issues are illustrated with relevant examples from the texts.